



**CARTA CIRCULAR
AOS CO-IRMÃOS**

**POR OCASIÃO DA CONCLUSÃO DO JUBILEU COMEMORATIVO
DE 175 ANOS DA FUNDAÇÃO
DA CONGREGAÇÃO DA RESSURREIÇÃO DE NOSSO SENHOR
JESUS CRISTO**

Roma 2011

*Se é a vontade de Deus, vou em direção ao imenso
empreendimento de uma nova atividade.
Existem tantas expectativas por este nosso trabalho
que o meu coração palpita aceleradamente
e teme por não omitir nada.
A esperança está na força da Ressurreição do Senhor.
Rezemos, rezemos juntos. Chegou a hora!
O Senhor Jesus nos pede de levantar ancora
e partir para o alto mar.
(J. Kajsiwicz, Cartas, vol. 8 p.183 [versão polonesa])*

Muitas águas já passaram debaixo das pontes do rio Tibre desde quando o XXXII Capítulo Geral, realizado nos dias 01 a 22 de junho de 2011 em Roma, elegeu o novo governo da Congregação. É verdade que, como superior geral, já tive a oportunidade de me comunicar convosco em várias ocasiões. Todavia, desta vez, por ocasião do fim ano jubilar, eu gostaria de compartilhar uma reflexão mais ampla e profunda. Celebramos este jubileu em várias maneiras durante o ano, mas sempre em um modo muito modesto. Simpósios, celebrações no ambiente paroquial e das Casas locais – somente para mencionar algumas celebrações – foram promovidas em todas as nossas Províncias. Além disso, alguns materiais relacionados ao aniversário da Congregação foram publicados em várias línguas.

Escrevendo estas palavras tenho diante de mim a *Carta Circular* escrita por ocasião do ano jubilar anterior (150 anos) pelo Governo Geral de então, que nos lembra: “A Congregação da Ressurreição não é obra nossa e nem nossa propriedade, mas é obra do Senhor e a Ele pertence [...] Devemos retornar ao fundamento divino da nossa comunidade religiosa e às nossas raízes espirituais” (p.3). Eu concordo plenamente com estas palavras.

Refletindo sobre a história ultra-centenária da Congregação e ao mesmo tempo participando na vida da Igreja, gostaria de tocar alguns temas, que a meu ver, são importantes para nós e para as gerações futuras, de modo que “... nenhum sacrifício seja em vão. Mesmo que desapareçamos desta terra, os nossos ossos, como os de Eliseu, profetizarão e aquele que os tocar ressuscitará” (J. Kajsiwicz, “Sermão em Paris”, 1842).

1. Conversão – entrar no Mistério Pascal

O tempo que precedeu o nascimento da Congregação foi um período dramático, que assistiu à conversão e o retorno a Cristo de Deodato Janski e dos seus mais fiéis discípulos, Pedro Semenenko e Jerônimo Kajsiwicz. Esta experiência lhes demonstrou que a conversão não é um ato isolado, mas um processo que abraça e dura a vida inteira. Neste contexto, a análise da nossa história feita por Pe. John Iwicki, C.R. no prefácio do

segundo volume da história da Congregação parece ser ainda muito atual: “Se em algum momento a nossa história terá alguma relevância e valor para nós como Ressurreicionistas, isto é, se servirá como ‘mestre da vida’, então, deve ser vista à luz desta transformação interior, *metanoia*, a qual é um elemento essencial do carisma Ressurreicionista” (*Carisma Ressurreicionista*, vol. 2, p. XI).

Conforme o que foi expresso durante nosso último Capítulo, gostaria de acrescentar que a conversão é a característica fundamental de todos Ressurreicionistas em todos os tempos, um elemento indispensável da nossa identidade. Portanto, hoje também, todos nós “devemos constantemente morrer para nós mesmos (para nossa vontade, ação e amor próprios), para ressuscitar, pelo poder do Espírito Santo, para uma vida nova de amor em Cristo” (*CCR*, 1). Este modelar a si em um novo homem em Cristo Ressuscitado é o conteúdo e a finalidade do inteiro processo de formação, o qual - como afirma nosso documento sobre a formação permanente (2b) – engloba todas as dimensões da vida do religioso e dura toda a vida. Ninguém pode se eximir deste compromisso. Cada um de nós, apoiado pela comunidade, é responsável pelo próprio crescimento. Não é preciso recordar que nesta nossa tarefa, nos ajudam a oração e as práticas tradicionais de ascese, sem as quais seria difícil falar de vida espiritual.

2. Comunidade fraterna – lugar de crescimento

Desde os primeiros dias da “Casa de Janski”, o nosso Fundador se preocupava em promover a instauração de fortes laços fraternos e de uma atmosfera de amizade entre os membros da Casa. Ele mesmo tinha tido a experiência da força com a qual o mal nos atrai, da fraqueza da vontade humana e quanto é grande a miséria do homem. Ele também sabia que bons propósitos, planos e idéias podem ser realizados e levados adiante somente com a união das forças comuns. Após quatro anos da existência oficial da “Casa”, Deodato definiu em seu *Diário* três objetivos básicos da união e da vida social dos co-irmãos: confirmá-los na conversão, praticar a vida espiritual e os preparar para consagrar suas vidas (01 de agosto de 1839).

Juntamente com o Capítulo, que nos adverte a evitar uma excessiva dispersão da nossa presença, e cientes da importância destes objetivos para o nosso crescimento, quero vos encorajar a zelar pela vida comunitária. Em modo particular, zelemos pelos seus aspectos constitucionais: a oração comunitária, as refeições, a confraternização, os encontros periódicos das casas religiosas e os retiros espirituais. Como sabemos, estas práticas levam ao aprofundamento dos relacionamentos interpessoais, ao desenvolvimento da comunicação e, de consequência, a um melhor discernimento da vontade de Deus. Lembremos-nos de que a vida fraterna, por um lado, é dom dos Céus, mas, por outro lado, é obra das nossas mãos e, portanto, o seu valor para nós depende de quanto investimos nela.

3. Ser religioso – a força do testemunho

Os votos religiosos de castidade, pobreza e obediência sempre foram um sinal fundamental deste caminho da sequela de Cristo em total dedicação e sacrifício. Quando os nossos Padres, dois anos após a morte do Fundador, estavam finalizando o processo de

fundação da Congregação e delineavam a sua identidade, primeiro escreveram e aprovaram a regra, em seguida elegeram o superior e escolheram o nome de “Irmãos da Ressurreição”, e só então, na manhã do dia de Páscoa, aos 27 de março de 1842, nas Catacumbas de São Sebastião, professaram os votos religiosos. Estes votos os uniram definitivamente em uma única comunidade e se tornaram um caminho seguro de santificação pessoal, que foi confirmado pela história. Deste modo nasceram os primeiros Ressurrecionistas. Um deles, logo em seguida, deu este alegre testemunho: “Aleluia! Aleluia! Aleluia! Finalmente, finalmente se cumpriu a obra do Senhor e a sua misericórdia para conosco. Escrevo-te como religioso. [...] Graças a Deus. Aleluia! Aleluia!” (Kajsiewicz a Kozmian).

As Catacumbas são o lugar das sepulturas e, portanto, de morte e escuridão; Páscoa, ao invés, indica a Ressurreição, vida nova e luz. Ser religioso significa viver esta tensão contínua entre o Bem e o Mal, entre o Erro e o Renascimento, entre uma existência nas Trevas do pecado e a Vida na Luz da graça. Dirijo-vos um apelo confiante utilizando as palavras do beato João Paulo II: “Pessoas consagradas, idosas e jovens, vivei a fidelidade ao vosso compromisso com Deus, na mútua edificação e apoio recíproco. Não obstante as dificuldades que às vezes pudésses ter encontrado e a diminuição do apreço pela vida consagrada em certa opinião pública, vós tendes a tarefa de convidar novamente homens e mulheres do nosso tempo a olharem para o alto, a não se deixarem submergir pelas coisas de cada dia, mas a se deixarem fascinar por Deus e pelo Evangelho do seu Filho. Não esqueçais que vós, de modo muito particular, podeis e deveis dizer não só que sois de Cristo, mas que ‘vos tornastes Cristo’” (*Exortação Apostólica Vita Consecrata*, 109).

4. Ser irmão – a promoção da fraternidade

A vida religiosa na Igreja começou a partir dos irmãos; os presbíteros apareceram mais tarde. A história da nossa comunidade também teve início com irmãos, os quais em 1836 se uniram sob a liderança de Deodato Janski; os primeiros sacerdotes foram ordenados somente em 1841. Apesar de sermos uma congregação clerical, a opção pela fraternidade é inserida em um modo muito claro nas nossas *Constituições*: “Estamos convictos de que Deus nos chama a viver juntos como irmãos, compartilhando os dons que recebemos, ajudando-nos uns aos outros, orando e trabalhando juntos para a Sua glória” (Carisma). É interessante notar que a distinção entre os candidatos ao sacerdócio e os que se preparam a desenvolver outras atividades apostólicas encontra-se somente nos parágrafos que tratam da formação pós-noviciado. Oficialmente, eles são chamados “irmãos leigos” ou “irmãos cooperadores”. Contudo, em modo informal os chamamos simplesmente “irmãos”, sem nenhum qualificativo. Eles nunca formaram um grupo numeroso, porém sempre estiveram presentes entre nós, desenvolvendo vários serviços em diversos setores do apostolado.

Todos nós somos muito gratos pela presença deles, porque são eles que lembram eficazmente aos religiosos sacerdotes a dimensão fundamental da fraternidade em Cristo, que deve ser vivida entre nós com cada homem e mulher. (cfr.: *Exortação Apostólica Vita Consecrata*, 60). Nós lhes somos gratos pela fidelidade na oração, pelo claro testemunho e também pelo alegre empenho no apostolado, que é a melhor maneira de despertar novas vocações.

5. Filadélfia – amizade entre irmãos e irmãs

Nossos primeiros Padres, especialmente Pedro Semenenko e Jerônimo Kajsiewicz, com grande determinação se empenhavam em fundar uma congregação feminina análoga àquela masculina, a qual, assim como nós, teria o apoio de colaboradoras leigas. Eles promoveram em várias maneiras o nascimento das seguintes comunidades femininas: Irmãs Ressurrecionistas, Irmãs da Imaculada Conceição, Nazaretanas, Felicianas, Dominicanas, Servas da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, Consoladoras, Irmãs da Adoração Reparadora. Quanto maior era a convergência dos objetivos de uma determinada comunidade com a nossa Congregação, maior era o apoio dos nossos padres: as ajudavam na redação de suas regras e constituições, eram disponíveis a serem seus diretores espirituais e as acompanhavam no discernimento da vontade de Deus e dos carismas de fundação. Ao longo dos anos, estes contatos recíprocos foram marcados por vicissitudes alternas. Contudo, hoje colaboramos frutuosamente com várias congregações masculinas e femininas em vários países. E em sintonia com o pensamento de São Bernardo podemos afirmar: “Todos precisamos uns dos outros: o bem espiritual que não tenho nem possuo, o recebo dos outros” (*Exortação Apostólica Vita Consecrata*, 52).

Alegro-me pelo fato de viver esta comunhão eclesial e pela colaboração dos Ressurrecionistas com os vários institutos de vida consagrada. Isso, pois, representa uma continuidade das nossas melhores tradições, seguindo o sulco da nossa história. Além do mais, este exemplo de fraternidade intercongregacional pode servir como estímulo para a construção de novas comunidades de fé, onde “todos podem experimentar a esperança, a alegria e a paz da Ressurreição de Cristo (*CCR*, Carisma).

6. O serviço da autoridade – serviço à comunidade

A função do superior, mesmo local, na vida consagrada “...teve sempre uma grande importância quer para vida espiritual quer para a missão” (*Exortação Apostólica Vita Consecrata*, 43). Assim aconteceu que os nossos primeiros Padres, Semenenko e Kajsiewicz, por 33 anos alternadamente serviram como superiores gerais, cuidando dos membros e das obras da Congregação. Eles cumpriam esta função conscientes de que atrás da autoridade religiosa está sempre o próprio Cristo. Expressaram várias vezes esta convicção no seguinte modo: “É o próprio Jesus Cristo que nos governa, muito mais do que possas imaginar. Isto constitui a minha força; que isto seja também a tua segurança” (Semenenko à Przewlocki, *Cartas*, vol.3, p.25); “Lembre-se de que pela fé, eu sou para você o instrumento da vontade de Deus” (Kajsiewicz à Jelowicki, *Cartas*, vol. 7, p.27). Outro aspecto da função do superior é a obediência, a qual amargura Kajsiewicz, porque não sempre é perfeita entre os membros da comunidade: “A vontade de obedecer entre nós é grande, mas, tanto por dizer, ainda nos falta a habilidade de obedecer. Pelo amor de Deus, coloquemos um fim, de uma vez por todas, na camaradagem (*Cartas*, vol. 6, p. 82).

Neste contexto, desejo expressar a minha gratidão a todos os superiores (maiores e locais) pela sua dedicação em favor da comunidade; agradeço-lhes em modo particular por cuidarem da unidade e da fraternidade, por promoverem a espiritualidade da comunhão e serem os mediadores do discernimento da vontade de Deus. Lembrem-se de que a vossa função “... às vezes marcada pela solidão e pela incompreensão por parte daqueles a quem se dedicam, se torna caminho de santificação pessoal e intermediária de

salvação para todos aqueles por quem se sofre” (Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e para as Associações de Vida Apostólica, *O Exercício da Autoridade e a Obediência*, 28). Enfim, gostaria de agradecer todos os irmãos por tratarem com fé estas mediações humanas – as quais, embora, às vezes, possam ser imperfeitas, são sempre válidas – e se superando buscam a santidade dando testemunho da primazia de Deus e dos valores superiores – sobrenaturais e eternos (cfr.: *CCR*,15).

7. Ministério da Palavra – mensageiros da esperança

O nosso Fundador Deodato Janski, convertido pela Palavra, também se tornou um mensageiro da Palavra aos outros. Desempenhou este divino serviço em diferentes modos: escrevendo cartas, dialogando, indicando leituras espirituais e reconduzindo as pessoas à vida sacramental. Os co-fundadores, ao receberem o presbiterado, também entraram imediatamente a trabalhar na Vinha do Senhor. Isto se percebe no apelo dirigido aos Irmãos Externos em Paris: “Deus nos desata as mãos, nos envia a trabalhar. Elevemos a Ele o nosso espírito. Purifiquemos os nossos propósitos, que sejam puros como a luz do dia diante de sua face. Somente o seu amor nos nossos corações, somente o bem dos irmãos, encha os nossos pulmões. Agora somos outras pessoas, novas criaturas em Cristo Jesus, [...] sejamos instrumentos vivos dele; unamo-nos, nós, os mais indignos, a tudo que hoje é santo e bom sobre a face da terra, então venceremos o mundo” (P. Semenenko, *Cartas*, vol. 2, p.339). Sabemos que os nossos primeiros padres tinham um extraordinário talento e carisma para proclamar a Palavra de Deus. Também é verdade que gerações inteiras dos nossos pregadores e missionários, párocos e catequistas, educadores e professores, se dedicavam com grande profissionalismo, paixão e generosidade à decorosa tarefa do anúncio da Palavra.

Agradecendo a todos os que hoje, em vários modos, se colocam ao serviço da Palavra, junto com o Papa Bento XVI, quero lembrar que, nós somos anunciadores e, ao mesmo tempo, destinatários desta Palavra. Jesus Cristo, Palavra Encarnada, nos atrai a si, nos transforma, nos dá vida nova, nos introduz na sua missão e nos rende capaz de proclamá-la com eficácia. Quanto mais profunda for a nossa entrega ao Senhor e à vida comunitária, quanto mais imbuída pelo espírito de fraternidade, mais frutuoso será o nosso serviço. O nosso ministério levará ao mundo o “*Logos* de esperança”, porque “... o homem precisa da ‘grande Esperança’ para poder viver o próprio presente – a grande Esperança que é aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim” (*Exortação Apostólica Verbum Domini*, 91).

8. Ministério de santificação – administradores dos Mistérios de Deus

Como todos os sacerdotes, assim também os nossos Padres exercitaram o ministério da santificação através da administração dos sacramentos, a oração litúrgica da Igreja e outras formas do culto divino. Eles eram conhecidos como bons confessores, por isso eram muito procurados e nos seus confessionários se ajoelhavam ilustres personalidades da Igreja e do mundo. Ao centro da vida cotidiana deles sempre esteve a Eucaristia, através da qual colocavam a própria vida no tempo de Deus e da qual extraíam forças para o cumprimento dos compromissos do dia-a-dia. Eram conscientes que viviam

da Eucaristia e para a Eucaristia, por isso cada Missa, celebravam com alegria e piedade. Padre Semenenko confidenciou a uma irmã: “... durante a Missa, quando pego nas mãos o santíssimo cálice, com fé no meu espírito, pego em minhas mãos o coração do Senhor, Amante do homem, e realmente do seu coração tomo seu santíssimo sangue, que é a nossa vida” (P. Semenenko, *Cartas*, vol. 10, p.214). Nossos Padres bem sabiam o quanto a oração é importante para a vida religiosa, por isso observavam o horário da oração e encorajavam os demais a fazer a mesma coisa. O Superior Geral escreveu aos irmãos em Paris: “Caríssimos e amados meus, não obstante vossas muitas ocupações, não vos eximis da oração; que ela esteja antes e acima de tudo, pois nela Deus nos dá a força e a paz” (P. Semenenko, *Cartas*, vol. 7, p.19).

A maioria de nós diariamente se põe diante do altar e com alegria e amor participa aos Mistérios de Deus, com a consciência carismática que o próprio Senhor ressuscitado age em nós, conosco e para nós. Alguns fazem oferta de seus sofrimentos, de doenças e enfermidades, e de outras limitações humanas. Essa é uma oferta muito preciosa e indispensável. Tendo em consideração aquilo que é escrito nas nossas Constituições, vos exorto a “... serem homens de oração. Assim, seremos como os primeiros apóstolos de Jesus, os quais se dedicavam à oração e ao ministério da Palavra (CCR, 54).

9. *Missio ad gentes* – novos horizontes de esperança

A verdade é que só depois do Vaticano II, nas Constituições renovadas de 1982, na seção dedicada aos apóstolos, que encontramos novos parágrafos que falam sobre a atividade missionária. No entanto, o espírito missionário esteve sempre presente na Congregação desde o seu início. À medida das possibilidades pessoais, sempre nos prontificamos a ir trabalhar lá onde as necessidades espirituais e materiais se demonstravam maiores e onde o Santo Padre nos enviava; esforçamos-nos em formar comunidades de fé, esperança e amor em pleno respeito às diferentes culturas locais (cfr.: CCR, 220). Com este espírito, com o passar dos anos, iniciamos o trabalho na Itália (Mentorella [1857] e Pescara [1933]), no Canadá (1857) na Bulgária (1863), nos Estados Unidos (1865), na Polônia (1880), na Áustria (1897), nas Bermudas (1953), no Brasil (1959), na Bolívia (1959), na Terra Santa (1972), na Austrália (1978), na Alemanha (1983), na Ucrânia (1990), na Eslováquia (1993) e na Tanzânia (2002). Atualmente, esta última, a nova missão africana, que logo vai celebrar o 10º aniversário de sua existência, tem sido a *pupilla oculis* da Congregação.

Alegro-me, juntamente com o Capítulo, pelo fato que o nosso ministério começa a dar frutos – novas vocações. No noviciado, recentemente aberto em Tanzânia, três jovens iniciaram o tempo canônico de formação. Junto com os Padres capitulares, peço o vosso apoio, com orações e ajuda material, para este novo horizonte de esperança (cfr.: *Novos Horizontes de Esperança*, 12). Sede sempre abertos à fundamental atividade missionária da Igreja, que é a proclamação de Cristo àqueles que ainda não o conhecem. E para isso lembremos “... que da mesma forma que ‘é dando a fé que ela se fortalece’, assim também a missão reforça a vida consagrada, lhe dá um novo entusiasmo e novas motivações, estimula a sua fidelidade (*Exortação Apostólica Vita Consecrata*, 78).

10. Nova evangelização – juntos com os leigos

O Núncio Apostólico na Polônia, arcebispo Celestino Migliore, corretamente observou: “... a vossa história começou na “Casa” fundada por Deodato Janski em Paris na primeira metade do século XIX. Essa foi a sua nova evangelização, assim como podia ser entendida e realizada naquele período. Ele não queria permanecer em um único lugar, pois nutria uma particular estima e se fascinava com as palavras de Cristo: “Ide ao mundo inteiro” (“Homilia”, 24 de setembro de 2011). João Paulo II, ao introduzir a nova evangelização entre as tarefas da Igreja, destacou nela uma tríplice novidade: do entusiasmo, dos métodos e dos meios de expressão (09 de março de 1983). Bento XVI, convocando o Sínodo dos bispos em 2012, com o tema “A Nova Evangelização para a Transmissão da Fé Cristã”, com certeza pretende animar a fé nos países de antiga tradição cristã. Na verdade, este objetivo acompanha o Santo Padre desde os primeiros dias do seu pontificado. Na homilia pronunciada durante a Missa de inauguração de seu pontificado, disse: “A Igreja no seu conjunto e nos seus pastores, como Cristo, devem pôr-se a caminho, para conduzir os homens para fora do deserto, para lugares de vida, de amizade com o Filho de Deus, para aquele que dá a vida, a vida em plenitude.” (24 de abril de 2005).

Temos consciência de que a “novidade” do anúncio do Cristo Ressuscitado seja uma tarefa tão grande que requer uma nossa ampla cooperação com leigos. Os Capítulos Gerais anteriores já evidenciavam esta necessidade e o último ampliou o parágrafo 196 das Constituições inserindo o seguinte texto: “Faz parte da nossa tradição a existência de associações de leigos que, segundo o estado de vida deles, vivem o carisma e a missão Ressurrecionistas. A presença dos leigos em nosso ministério deveria significar uma colaboração real – os leigos trabalhando conosco em genuína comunhão com a Igreja”. Por isso, vos exorto vivamente a procurar e formar colaboradores para esta obra. “Uma tarefa semelhante de anúncio e de proclamação não está reservada apenas a alguns, a uma elite. É um dom feito a todas as pessoas que respondem com confiança ao apelo da fé. A transmissão da fé não é uma ação para especialistas, a ser comissionada a algum grupo ou a alguém especialmente dotado. É a experiência de cada cristão e de toda a Igreja, que nesta ação redescobre continuamente a sua identidade de povo reunido pela chamada do Espírito, que nos reúne da dispersão do nosso dia-a-dia para viver a presença entre nós de Cristo, e descobrir, assim, o verdadeiro rosto de Deus, que é nosso Pai.” (XIII Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, *Lineamenta*, 12).

11. Processos de beatificação e canonização – em busca de modelos e intercessores

Parece que os processos de beatificação sejam o “calcanhar de Aquiles” da nossa Congregação. Já em 1920, o XVII Capítulo Geral tomou a decisão de nomear Padre Paulo Smolikowski como o postulador geral de todos os processos de beatificação e canonização na Congregação. Várias vezes tentamos organizar todo o patrimônio escrito dos nossos Padres, porém, apesar do empenho humano, dos custos e da boa vontade, sempre paramos no meio do caminho. No entanto, outras pessoas que estiveram próximas aos nossos Padres e sob a orientação espiritual deles, já há algum tempo foram elevados à glória dos altares (Santo Edmundo Bojanowski, São José Pelczar, São José Bilczewski, Beata Celina

Borzecka, Beata Franciszka Siedliska, Beata Marcelina Darowska). Neste contexto alegramos o fato que, graças ao empenho e trabalho do último postulador geral, conseguimos finalizar o processo diocesano do Servo de Deus Deodato Janski. A solene conclusão do processo, que contou com a presença dos membros do Conselho Geral Ampliado e do bispo diocesano, aconteceu no dia 18 de abril de 2008 em Plock. Aos 14 de setembro de 2010 foi aprovada a *positio* do Servo de Deus Padre Paulo Smolikowski, que fora apresentada à Congregação para as Causas dos Santos em 1994.

Se realmente desejamos que a Igreja reconheça oficialmente os nossos Veneráveis Padres como exemplos a serem imitados e permita que sejam objetos de culto público, devemos todos abraçar essa causa: cada um de nós lá onde vivemos e trabalhamos. Os Capítulos seguintes nos pedem em modo insistente de rezar e promover os nossos candidatos. Os superiores proponham aos fiéis a oração de intercessão.

12. Olhando para o futuro – os próximos aniversários

Nesta carta gostaria não somente de recordar e contar o nosso ilustre passado, mas também, por quanto seja possível, traçar e delinear o nosso futuro imediato, obviamente marcado pela História. No caminho rumo ao próximo Capítulo Geral, teremos algumas celebrações jubilares, onde podemos mais uma vez aprender a partir da nossa história e festejar *magnalia Dei*. Já no próximo ano, ocorre o bicentenário do nascimento do Padre Jerônimo Kajsiewicz, e em dois anos o mesmo “aniversário” festejará Padre Pedro Semenenko; em 2016 celebraremos os 175 anos da ordenação sacerdotal deles. Em 2013 se cumprirão os 150 anos da nossa presença em terra búlgara; em 2016 completaremos 150 anos de missão nos Estados Unidos. Algumas instituições formativas também estão se preparando para celebrar seus aniversários: o seminário da Região Sul-Americana em Curitiba completará 25 anos em 2013, enquanto a Universidade *St. Jerome* em Waterloo completará 150 anos de fundação no ano de 2015.

Desde o grande Jubileu do ano 2000, sabemos que cada recorrência e cada aniversário são permeados da presença de Deus e da sua ação redentora (cfr.: *Carta Apostólica Tertio millennio adveniente*, 16). Uma reflexão sobre o nosso patrimônio, que nos últimos dez anos nos tem sido transmitido seja em forma impressa que eletrônica, pode nos ajudar a experimentar esta presença. Aqui tenho em mente o *Diário* de Deodato Janski, as *Cartas* dos Fundadores, como também outras publicações. Aproveitando a ocasião, gostaria de agradecer a todos, que no passado e no presente se empenharam ou se empenham em decifrar os manuscritos e as traduções, nos trabalhos de elaboração, redação e publicação de vários textos.

13. Maria – guia na fé e exemplo de esperança

A entrega a nós em perpétuo, da parte de Pio IX, do santuário mariano de Mentorella, foi interpretada pelos primeiros Ressurreicionistas como um sinal extraordinário. Este fato indicava à jovem Comunidade, não reconhecida oficialmente, que tinham recebido como presente a “Mãe” e o seu lugar oficial na Igreja. Por isso os nossos Padres escolheram Mentorella como lugar onde realizar o VI Capítulo Geral, durante o qual definiram os fins e os objetivos da Congregação.

Agradecendo a Mãe de Deus pela sua presença na imagem de Nossa Senhora de Mentorella, gostaria de ao fim deste Jubileu, entregar a Ela o nosso presente e o nosso futuro.

Nossa Senhora de Mentorella, cheia de graça e de bondade!
Mãe da Congregação, que como o vosso Filho,
não nasceu em pátria, mas no desterro.
Se, há tempo, nos acolhestes sob seu manto protetor,
não permitis que nos afastemos de Vós,
porque onde estais, ali está também o vosso filho Jesus.
Concedei-nos de sentir como é grande o amor do Pai,
que nos encontrou enquanto estávamos perdidos, nos escolheu e nos chamou.
Ó fiel e poderosa Padroeira da Congregação!
Tomai sob a vossa proteção, a comunidade religiosa inteira:
as províncias, a região, todas as casas espalhadas pelo mundo,
as instituições de formação, as paróquias e as diversas obras.
À vossa cuidadosa proteção confio cada Ressurrecionista.
Aceitai-nos assim como somos:
com nossas alegrias e boa vontade,
com nossas limitações e preocupações.
Renovai em nós o ardor e a esperança.
Vós que acreditastes na Palavra
e carregastes esta Palavra Encarnada à casa de Isabel,
confirmai-nos na fé e ajudai-nos a levar com amor – como vós –
pelos caminhos da evangelização,
o Cristo Ressuscitado.

In eo Christo Reddivivo,



Bernard Hylla, C.R.
Superior Geral
XIX Sucessor do Irmão mais velho Deodato Janski.
Roma, 25 de dezembro de 2011.
Solenidade do Natal do Senhor